

DEPOSITO LEGAL
- FEV. 1958

12-JANEIRO-1958
Preço - 1\$50



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 40 — 12-1-1958

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

TODOS OS DOMINGOS

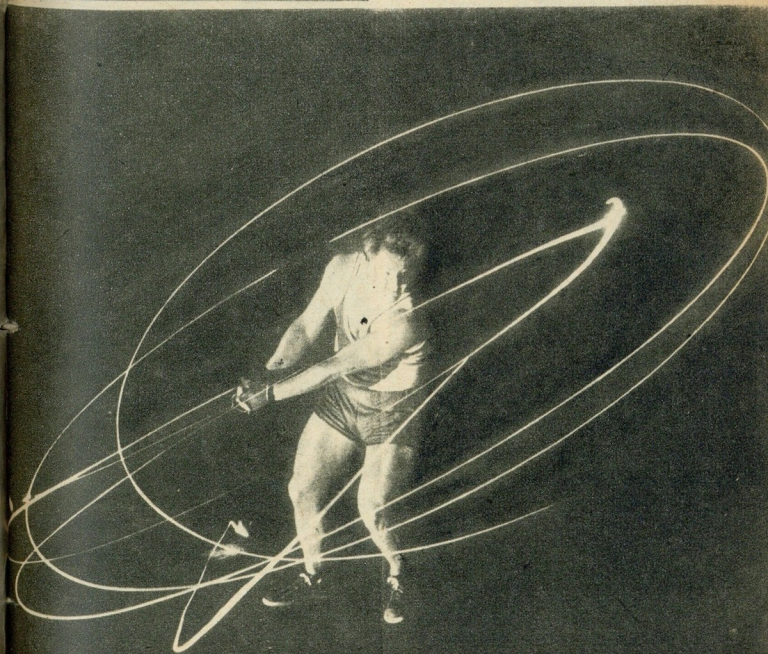
O RODOPIO DO MARTELO

Craças a uma ampola eléctrica presa ao martelo de Cuy Husson, o conhecido fotógrafo francês Roland Coto pôde fazer esta imagem extraordinária, que permite seguir o movimento de rodoPIO do martelo antes de o atleta o enviar definitivamente à distância.

Cuy Husson atingiu, recentemente, a marca de 61 m. 87., recorde de França, mas espera, muito em breve, alcançar os 64 metros.

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958





CONTRASTES

O atletismo é porventura a manifestação desportiva em que melhor se conjugam o valor intrínseco das provas (correr, saltar, lançar...) e os atributos físicos dos praticantes. Ficaram célebres na História algumas esculturas gregas e romanas, que perpetuam os momentos clássicos dos estádios da antiguidade.

Todavia, nas pistas de atletismo, nem sempre se vêem figuras perfeitas — mesmo tratando-se de mulheres. Tratando-se delas, há até casos de contraste deveras impressionantes.

Apresentamos neste número um exemplo nas pessoas de duas atletas russas de nomeada, ambas participantes num torneio realizado em Brighton, Inglaterra, há algum tempo.

A elegante lançadora do dardo é Virve Rooland. Há na sua figura esbelta, no seu rosto em que se notam traços de mongol, e na atitude clássica, um tipo de beleza capaz de inspirar um escultor ou pintor.

Já a sua compatriota Tamara Tíschkiewich — uma jovem de dezanove anos — forma flagrante contraste! A sua figura inestética jamais poderia servir de modelo aos artistas que buscam nos estádios motivos para as suas telas ou moldagens.

Todavia, neste contraste nada há de pejorativo para a «bucha», a qual — quem sabe? — é muito bem capaz de ser uma simpática e leal rapariga, e valorosa atleta.

Assim como «quem vê caras, não vê corações», também «quem vê o físico dos atletas, não vê as suas qualidades morais e técnicas»...

Além de que os recintos desportivos não são positivamente «passarelas» de modelos...

MIMOUN não está acabado...



Dizia-se que Alain Mimoun, o famoso campeão olímpico, estava acabado.

Que a idade não perdoa é um facto que ninguém ousará contestar. Mas o grande atleta francês reserva ainda aos seus compatriotas enormes satisfações. É disso testemunho a sua vitória, obtida em Duisburgo, frente ao alemão Schade, nos 10 mil metros.

Eis o final da prova, atestando eloquentemente o valor firme dos dois grandes atletas.

Piorou a média de golos de ÁGUAS na selecção nacional ..

No dia do 9.º Portugal-Itália, publicamos uma curiosa estatística acerca dos marcadores dos golos da nossa selecção, tomando por base a proporção dos desafios disputados por cada um dos jogadores com um mínimo de seis tentos marcados.

Realizado esse encontro, em Milão, nada houve que alterar, salvo a média de José Águas — o único dos nove internacionais abrangidos por aquela contagem.

Com 9 golos em 15 jogos (selecção A), Águas ocupava o 3.º lugar, com 60%. Realizando um jogo em branco, a média desceu para 56,2%, sem perda, porém, do lugar. Incluindo o jogo da selecção B, em que marcou três golos, Águas regista 70%.

Lembramos que a nossa tabela fica assim elaborada:



Águas

	J.	G.	P.
1.º — Araújo (F. C. Porto)	9	6	66,6 %
2.º — Peyroteo (Sporting)	20	13	60,5 %
3.º — Águas (Benfica)	16	9	56,2 %
4.º — «Pepe» (Belenenses)	14	7	50 %
5.º — «Pinga» (F. C. Porto)	21	9	42,8 %
6.º — V. Silva (Benfica)	19	8	42,1 %
7.º — Matateu (Belenenses)	17	6	35,2 %
8.º — Vasques (Sporting)	26	6	23 %
9.º — Travaços (Sporting)	34	6	17,9 %

Para quando uma linha dianteira da selecção formada pelos melhores rematadores da actualidade que figuram nesta lista — Águas, Matateu, Vasques e Travaços?! —

Estamos convencidos que não fazia pior que qualquer das «avançadas» que se têm engendrado, sabendo-se que só em 1957, em sete encontros, não se foi além de 5 golos, havendo quatro jogos com o nosso marcador em branco...



Travaços

Matateu

Vasques

UMA BARBARIDADE...

100 QUILÓMETROS DE MARCHA!

A ideia da competição, levada ao exagero, é a condenação do próprio ideal desportivo. Não se concebe, por exemplo, como desportiva, uma prova de atletismo, em que o objectivo fosse correr até cair para o lado, de cansaço.

A prova da Maratona já de si é uma violência contra o organismo humano, que exige ou devia exigir severo controle médico. Como se sabe tem havido casos fatais — e uma dessas tragédias tocou-nos na nossa qualidade de portugueses. Foi na Maratona de Estocolmo que morreu, vítima de insolação, o valoroso Francisco Lázaro. Depois disso, casos tem havido em que maratonistas conquistam as palmas da vitória à custa de esforço sobre-humano, e outros nem à meta chegam, rendidos pela fadiga, cambaleantes, imagens vivas do que não deve interpretar-se como desporto. Sobretudo nas provas internacionais, esse esforço chega a revestir-se de autênticos dramas, porque a ideia fixa que encoraja os corredores, para além do limite das suas forças normais, deixa de ter qualquer afinidade com o ideal desportivo, para se concentrar num único ponto: a representação da Pátria!

É um sentimento belo, esse de honrar as cores do país em que se nasceu, sem dúvida, mas entendemos que se perde o significado desportivo, quando se ultrapassa a barreira da sensatez, quer pelas características brutais da prova, quer pelo esforço sobre-humano e subsequente estado de angústia.

Vem isto a propósito da prova de marcha que se disputou recentemente, de Luzarno (Suíça) a Secco (Itália) — prova de... 100 quilómetros de marcha!

O vencedor foi o britânico Tom Misson, que, como se verifica pela foto, terminou esgotado, e assistido pelos bombeiros locais.

Para se fazer ideia do que será marchar durante cem quilómetros, podemos calcular, por exemplo, ir, (a pé!) de Lisboa ao Estoril e regressar, tornar a ir e voltar!

Há algum leitor que considere isto desporto?



ABBES voltou ao lar

Depois de quinze dias internado num hospital de Londres, onde foi tratado num rim, regressou a França o guarda-redes do A. S. Saint-Etienne e da equipa nacional tricolor, Claude Abbes.

A contrário do que se supunha, a evolução da doença seguiu o seu curso normal, isto é, da maneira mais desejada e o perigo inicialmente temido, a eventualidade de uma operação, não se verificou.

Abbes, entre a sua esposa e sua filha Cristina, retomou contacto com a alegria e o bem estar do seu lar.

O magnífico guarda-redes voltará aos treinos dentro de dois meses, mas, possivelmente, só na Primavera estará presente na baliza do seu clube.

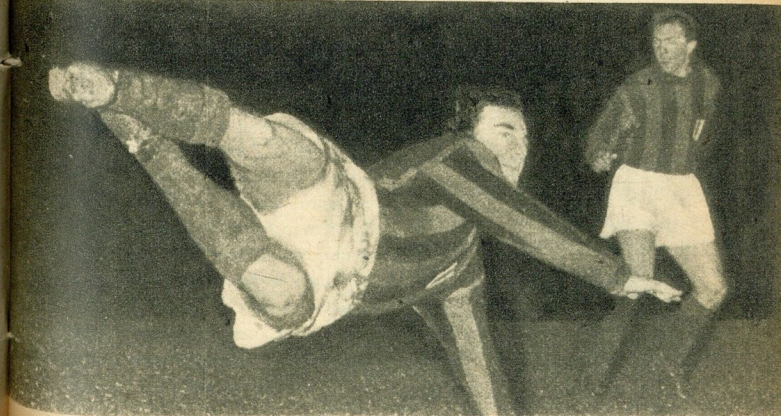


GRILLO EM MILÃO

Grillo, que há três épocas vimos em Lisboa com a selecção da Argentina e com o Independiente, de Buenos Aires, é agora uma das principais vedetas do Milan.

Ei-lo, numa acrobática posição, marcando um dos golos da sua equipa contra o Glasgow Rangers, em jogo a contar para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus». Grillo foi um dos grandes artifices da qualificação dos milaneses.

Esta é também, mais uma das fases sensacionais que o futebol, espectáculo rei, nos proporciona domingo a domingo.





O último BELENENSES-CUF nas Salésias

A imagem que reproduzimos foca uma interessante fase do último jogo Belenenses-Cuf nas Salésias. E caso curioso: veja-se como o vasto «peão» se encheu! Porquê? Talvez porque se disputava a quarta jornada do campeonato, e no primeiro mês geralmente a massa de adeptos anda sófrega de «bola»... Para mais na jornada inaugural, a Cuf impusera um empate a zero ao Sporting, e a seguir vencera em Coimbra por 4-3... E o Belenenses, quinze dias antes empatara nas Antas.

O certo é que o velho estádio das

Salésias registou boa assistência. Os jogadores corresponderam, fornecendo bom espectáculo, como se depreende da gravura.

O Belenenses ganhou por 3-0. Aliás, tem ganho sempre — nas Salésias (4-1 e 3-0) ou no Restelo (5-1, no ano passado). Mesmo no Barreiro, os cuffs têm perdido (2-4, 1-2, 2-3 e 0-1). Tudo leva a crer que não será ainda no jogo de hoje que a Cuf vencerá o «conze» da cruz de Cristo, mas a bola é redonda, e um resultado inverso não espantaria ninguém, antes confirmaria a excelente recuperação dos últimos tempos...

O SPORTING RECEBE A VISITA DO HOMÓNIMO DE BRAGA

O Sporting de Braga é das equipas da Província que mais vezes têm desfeitado os fortes conjuntos da Capital, por vezes expressivamente...

Todavia, contra o Sporting «leonino» pouco tem conseguido. Em Alvalade tem perdido sempre e em casa só conseguiu uma vitória e dois empates.

Eis a lista de resultados em Lisboa desde 1948 à época de 1955-56 (visto que na época passada os bracarenses estavam na II Divisão):

Vitórias do Sporting por 3-2, 4-0, 5-2, 8-0, 4-0, 6-1, 2-0, 5-2 e 4-2.

Total: 41-9, o que dá média de quatro golos e meio para os «leões» e exactamente um tento para os bracarenses. Teremos hoje, no Estádio Alvalade um resultado de 4-1 ou 5-1?

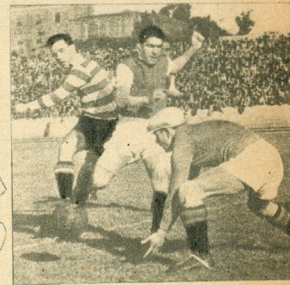
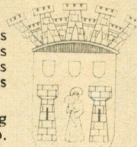
A bola, porém, não conhece a aritmética...

Entretanto, recordemos, ao acaso, pela imagem, num jogo do historical Sporting-Braga:

Campeonato de 1948-49. Sporting 4-5p; Braga, 0. Os «leões» seguiam destacadamente em primeiro lugar e não fizeram mais do que tranquilamente continuar com o avanço, que no final lhes deu a vitória por 5 pontos sobre o 2.º (Benfica).

As fotos representam:

- 1) Um remate de Vasques, dificultado por Palmeiro, e que será facilmente defendido.
- 2) Passos parece jogar contra o próprio guarda-redes, o famoso Azevedo.
- 3) Albano antecipa-se a António Marques e vai marcar um golo...
- 4) ...que o guarda-redes adversário não conseguiu defender.





Treinando no emprego...

Norman Read! Um nome que talvez nada vos diga... E no entanto, em fins de Novembro de 1956, este Read comoveu 120 mil pessoas, perante o espectáculo fornecido pela sua alegria exuberante. Read acabava de ganhar, então, os 50 Km. de marcha dos Jogos Olímpicos.

Norman Read é um inglês de Portsmouth que emigrou, em 1953 para a Nova Zelândia.

Retomando o seu emprego de leiteiro, é entregando as garrafas de leite pela sua clientela que o optimista Norman Read se prepara para os Jogos Olímpicos de Roma de 1960.

ENGAIOLADO!



Há «clichés» que têm sempre interesse — e este é um deles.

O árbitro parece em situação crítica. Vários jogadores lhe pedem explicações ou pretendem justificar o que seja.

Está cercado, pela barreira de jogadores exaltados... e pelas redes da baliza. Está positivamente engaiolado!

Só não percebemos porque foi ele para dentro da baliza!...



não fosse divertida, e vistas por leitor menos atento, deixá-lo-ia perplexo. Francamente, estes rapagões não parecem ter a idade própria para «saltar ao eixo», ou andarem «às cavalitas» uns dos outros...

Veja-se como Salvador salta ágilmente sobre o dorso do sorridente «Cavem»; o mesmo se dizendo de Nogueira sobre Vicente, Pires sobre Moreira e José Pereira que se prepara para saltar também; e as correrias dos jogadores do Benfica, com colegas às costas...

Isto, porém, não são mais do que números da preparação física, especialmente nos princípios da época, quando se pretende desentorpecer os músculos e abater uns quilitos... A verdade, porém, é que fugazmente os atletas recuam alguns anos, ao tempo de rapazes de calção e bibe...



CRIANÇAS GRANDES...



Junte-se à longa e terrível lista dos brutais acidentes que têm causado vítimas sem conta nas corridas de automóveis, o nome do «às» americano Harry Schell, que só por milagre não perdeu a vida no acidente que lhe destruiu o seu «Maserati» num pavoroso incêndio provocado por choque, quando disputava o Grande Prémio da Venezuela.

Harry Schell, que sofreu grandes queimaduras, observa, — como capitão que vê o seu barco afundar-se — o «Maserati» envolto em chamas.

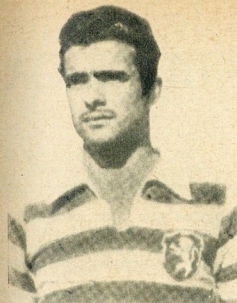
ESCAPOU DO
BRASEIRO

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Propomos ao leitor que observe a foto e responda ao seguinte questionário:

1) Que equipa é esta? 2) Qual era o adversário? 3) Em que ano e estádio se disputou o encontro? 4) Qual a formação vencedora? 5) Qual o resultado? Quem marcou os golos?

Veja na pág. 31, se acertou!



Juca



Gama



José Maria



C. Gomes



Germano

Esta semana fazem anos

Alguns «internacionais» de futebol fazem anos esta semana.

Começemos por **Júlio Cernadas Pereira** («Juca»). Com pieta 29 anos na segunda-feira, pois nasceu em 13 de Janeiro de 1929, em Lourenço Marques. Está no Sporting desde 1949-50 e foi 9 vezes «internacional».

Na quarta-feira fazem anos **Gama** e **José Maria** (ex-F. C. Porto). Há diferenças de um ano de idade. **António Almeida Gama** nasceu em 15 de Janeiro de 1929. Sucessivamente representou a Cuf de Lisboa (1945-47), Atlético (1947-53), Torriense (1953-57) e Cuf (1957-58).

José Maria da Luz Matos nasceu em 15 de Janeiro de 1930, pelo que completa 28 anos. Representou o C. D. Candal de 1946-47 a 48-49, e desde 1949-50 que representava o F. C. Porto.

No sábado, festejam o aniversário três futebolistas, dois deles internacionais. Trata-se de **Carlos Gomes** e **Germano**.

Carlos Gomes nasceu no Barreiro em 18 de Janeiro de 1832 (festeja o 26.º aniversário, pois) e iniciou a sua carreira nos júniores do Barreirense em 1948. Joga ao Sporting desde 1950. 16 vezes internacional.

Germano de Figueiredo nasceu em Lisboa um ano depois — em 18 de Janeiro de 1933, pelo que completa 25 anos. Foi 5 vezes internacional. O club de sempre: Atlético.

Humberto José Lopes Frade nasceu em Estremoz em 18 de Janeiro de 1935. Começou a sua carreira em Angola, porém. Em 1951-52 no S. Luanda e Benfica, em 1952-53 no C. Ferroviário de Luanda, e só em 1955-56 no Sporting de Braga.

O presente e o futuro do estádio do SPORT LISBOA e BENFICA

Visitamos, há dias, o «atelier» do sr. arquitecto João Simões — um dos principais obreiros do Estádio do Benfica, que continuam na brecha, pois foram-lhe confiados os estudos da sua competência relativos à construção das torres de iluminação.

Today, isso é apenas uma parcela do vasto programa de realizações que se projecta emprender no parque de jogos dos «encarnados».

Não pode ser feito tudo de uma só vez. Mas não duvidamos que tudo será feito, e que o Benfica virá, num futuro não muito distante, a dispor de um conjunto de instalações desportivas à altura da grandeza do clube. O querer do Benfica é forte. É uma vontade «à Benfica», muito sentida, com uma pontinha de orgulho por tanto se ter feito — com a «prata da casa»!...

Como iam os dizendo, a construção das torres de iluminação é apenas uma parcela do muito que se projecta construir nos tetenos benfiquistas de Carnide. É assim como a «guarda avançada» da segunda fase da batalha do Estádio.

É obra de maior urgência, uma vez que se pretende realizar ali espectáculos nocturnos já na próxima Primavera. Até há pouco, os trabalhos confinaram-se aos gabinetes de estudo, que construir quatro torres de 50 metros de altura não é brincadeira nenhuma. Tarefa complexa essa, que exige a cooperação de arquitectos, engenheiros electrotécnicos, e especialistas de estabilidade, e que, além do mais, têm de estudar a obra prevendo a ampliação do campo de futebol.

Tudo está previsto — disse-nos o arquitecto João Simões — Aqueles taludes de relva, que rodeiam o actual estádio, numa distância de quinze metros aproximadamente, das paredes exteriores, virão a ser preenchidos pelo chamado «terceiro anel» de bancadas.

As torres de iluminação serão colocadas, portanto, de molde a comportar a ampliação.

E por que não se procede imediatamente às obras do terceiro anel? O arquitecto Simões explicou-nos, com lógica irrefutável: o problema está ligado à questão dos acessos. Os actuais são já precários para a actual lotação do estádio. O que faria se em lugar de 40.000 pessoas houvesse 60.000 a convergir para o Estádio do Benfica? Nem é bom pensar nisso...

Foi um erro construir o estádio do Benfica nos terrenos quase inacessíveis de Carnide? Não! Apenas um conjunto de circunstâncias têm obstado maior rapidez na solução do problema. E esse assunto transcende já o âmbito clubista. O Benfica não pode fazer mais do que já fez.

O próprio município bastante teve que fazer também. Houve que expropriar propriedades, o que exigiu demoradas negociações. Pequenos pormenores, como certa faixa de terreno que

O arquitecto João Simões esclarecendo o nosso redactor sobre pormenores da planta do parque de jogos do Benfica

- ★ AS TORRES DE ILUMINAÇÃO E A AMPLIAÇÃO DO CAMPO DE FUTEBOL.
- ★ O PROBLEMA DE ACESSOS.
- ★ PISTAS DE ATLETISMO E CICLISMO INCOMPARÁVEIS.
- ★ UM AUTÊNTICO «PARQUE DE JOGOS» À ALTURA DA GRANDEZA DO CLUBE!

abrange o plano de construções referente ao campo de atletismo e anexos, e que separa as áreas já pertença do Benfica, têm retardado o andamento da obra.

Parte dos terrenos expropriados não se destinam propriamente para instalações do Benfica, mas o que é capital: para os acessos.

Rasgada avenida, a ligar a auto-estrada ao Campo Grande, vai ser construída, servindo, em parte do seu percurso, o Estádio da Luz. Uma série de acessos complementares ligarão essa grande avenida ao estádio propriamente dito — acessos estudados especialmente em todo o pormenor: para veículos particulares, transportes públicos, peões, e até... uma estação de metropolitano!

Será este meio de transporte ultra-rápido, que Lisboa espera ansiosamente, uma contribuição importantíssima para solucionar favoravelmente o crucial problema de comunicações com o Estádio da Luz.

Como já referimos, a construção do «terceiro anel» de bancadas está ligado ao problema de acessos do campo — e enquanto este não estiver resolvido, não é crível que se amplie o estádio benfiquista.

Não será por isso, porém, que estagnarão as obras. Independentemente da construção das torres de iluminação, há muito que fazer — com prioridade, até, sobre o 3.º anel. Segundo nos elucidou o arquitecto João Simões, o Benfica precisa de construir mais campos de jogo, para poder abandonar de vez o Campo Grande.

Precisa de campos para treinos para o futebol, e que sirvam para neles jogarem as categorias inferiores (Não pode pensar-se que o actual campo relvado chegue para toda a actividade futebolística do Benfica, como é óbvio!).

E precisa também de um recinto importantíssimo: um estádio para atletismo — e especialmente para atletismo. Esta especialização tem importância de carácter técnico. As pistas serão mais tarde adequadas, as curvas terão um círculo perfeito, isto porque não há que subordinar as pistas à configuração do campo de futebol...

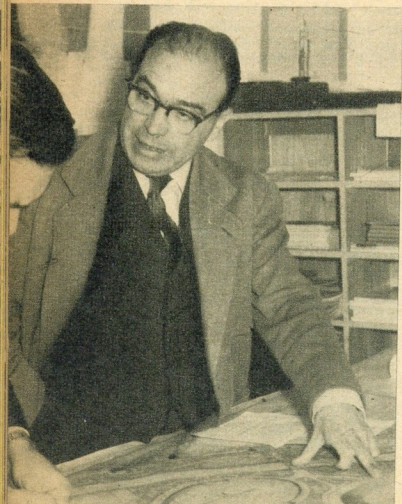
Também as pistas de ciclismo beneficiarão da circunstância de serem construídas especialmente para esse fim, sem as sujeitar às dimensões dos campos de futebol...

Mas há mais — no campo da realização, ainda: a piscina infantil, o pavilhão coberto, o ringue de patinagem...

Levará o seu tempo, decerto. Mas não duvidamos que o Benfica conseguirá o que pretende.

É essa a convicção do arquitecto João Simões, de todos os benfiquistas, afinal, e nossa também.

Entretanto, foram já adjudicadas as obras de construção das torres de iluminação. E toda a massa associativa do Benfica está a movimentar-se numa gigantesca campanha subordinada ao illiciente lema: LUZ PARA A «LUZ»!



A HISTÓRIA DE ÂNGELO — defesa esquerdo do Benfica

★ UM PORTUENSE QUE VAI JOGAR CONTRA O F. C. PORTO!

★ A HISTÓRIA DE UMA IRRADIAÇÃO PREMATURA

UMA NARRATIVA INTERESSANTÍSSIMA PROFUSAMENTE ILUSTRADA

CONSIDERADO PELOS CRÍTICOS UM DOS MAIORES TÉCNICOS DO FUTEBOL MUNDIAL

Obra em profundidade, revolucionária, assim foi considerada a actividade de Matt Busby, como orientador técnico do Manchester United, um dos principais clubes ingleses.

Para os exigentes críticos britânicos (muito pouco pródigos nos elogios) o trabalho de Busby só tem comparação com o do falecido criador do sistema «WM», Mr. Herbert Chapman, o orientador do Arsenal de Londres. Com efeito desde que Matt Busby tomou conta da orientação das equipas do Manchester United, em Outubro de 1945, o clube ganhou três campeonatos da Liga, uma «Taça de Inglaterra» e finalista na de 1956, e, no conjunto, nunca deixou de figurar entre os cinco primeiros. No campo internacional onde esteve presente na meia-final da «Taça dos Campões Europeus» de 1956, que perdeu frente à famosa equipa do Real Madrid, apresenta-se como sério pretendente na que está a decorrer. Outro dos grandes êxitos de Busby é o facto dos júniores do Manchester United (a quem o «velho» Matt e os seus assistentes dedicam invulgar carinho e cuidado) terem ganho a «Taça da Juventude» cinco épocas consecutivas.

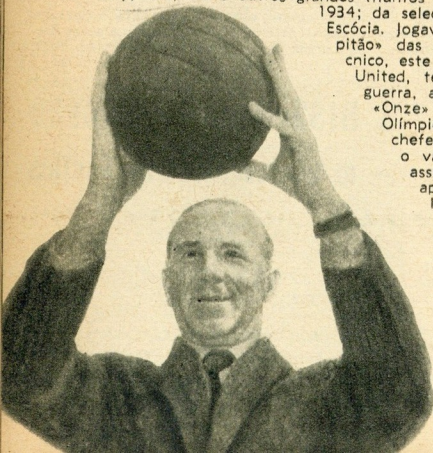
MATT BUSBY

o homem que levou
o MANCHESTER UNITED ao apogeu

Como futebolista, Busby fez uma carreira gloriosa: fez parte da equipa do Manchester City, que, entre outros grandes triunfos conquistou a «Taça de Inglaterra» de 1934; da selecção de Liverpool e internacional pela Escócia. Jogava a médio-direito e foi também «capitão» das equipas citadas. Como orientador técnico, este famoso «coach», além do Manchester United, teve a seu cuidado, durante a última guerra, a preparação de equipas militares e o «Onze» britânico que tomou parte nos Jogos Olímpicos de 1948. Como todos os grandes chefes, Matt Busby considera inestimável o valor da cooperação e tem pelos seus assistentes (em número de cinco) especial apreço no que é correspondido por eles.

Inferre-se isso, da atitude de Jimmy Murphy, técnico de reconhecida competência, que tem rejeitado valiosos contratos para orientar cotadas equipas inglesas, preferindo trabalhar como «Segundo», sob as ordens de Matt Busby. Matt é por vezes ríspido, mas sempre justo e correcto, do que resulta todos reconhecerem ne-

Matt Busby — o homem que levou o Manchester United ao apogeu



A DIREITA: David Pess, ponta-esquerda do Manchester United, um dos melhores valores criados por Matt Busby, indicado para a selecção inglesa que disputa a «Taça do Mundo»



A ESQUERDA: Os jovens jogadores merecem especial carinho e cuidado a Matt Busby e dos seus assistentes.



le o amigo leal em quem se pode confiar. Matt pode ser considerado um tratadista do jogo, como tem demonstrado com vários trabalhos e ainda recentemente publicou «A minha história», em cujo livro, além da sua biografia, analisa o futebol internacional nos seus diversos pormenores técnicos e teóricos.

Com este conjunto de predicados Matt Busby é hoje uma das mais sólidas personalidades do futebol inglês — e talvez do Mundo.

A DIREITA: Matt Busby nos seus tempos de jogador: como médio-direito alinhou na equipa do Manchester City que ganhou a «Taça» de 1934 e na selecção da Escócia



EM CIMA: Quando Matthews tem a bola... a bola é mesmo dele!...

À DIREITA: «Stan» (dentro do meio círculo), um dos momentos mais evocados da sua gloriosa carreira. Mesmo caído, fez o passe que permitiu a Perry (à direita) marcar, no último minuto, o tento da vitória de «Blackpool» na final da «Taça de Inglaterra» de 1953.

O «VELHO» STAN MATTHEWS

cedeu enfim o lugar na selecção inglesa e sucedeu-lhe Di Stefano na cotação de «melhor futebolista do ano» (1957)

Stanley Mathews, ponta-direita do Blackpool, considerado universalmente o mais extraordinário futebolista de todos os tempos, e que em representação da Inglaterra, interveio em dezenas de jogos, cedeu finalmente o lugar de ponta-direita ao jovem Douglas, do Blackburn Rovers.

A substituição do «velho» Stan foi prevista num plano, cujo objectivo fundamental é «refrescar» o «onze»... que na Suécia disputará o campeonato do Mundo. Não significa, porém, a retirada de Mathews, da actividade desportiva, pois o famoso jogador continuará a representar o Blackpool.

De qualquer modo, Stanley Mathews ficará na



história do futebol como um dos mais exímios praticantes cognominado, até, como o «feiteiro». Ainda há dois anos viu a sua popularidade e méritos confirmados, ao ser eleito o «Futebolista do Ano» pelos críticos ingleses.

Esse título passou agora para Alfredo Di Stefano, o extraordinário a v a n ç a d o -centro do Real Madrid. Foi considerado o «melhor futebolista de 1957» e digno sucessor dos predicados «fora de série» do «Stan Matthews».

Nunca foi possível enquadrar estes dois fenómenos na mesma equipa, mas devia ser qualquer coisa de fantástico. Note-se, contudo, que Matthews e Di Stefano são dois jogadores de estilos diametralmente opostos. Têm de comum o grau elevadíssimo da arte de jogar futebol, os seus recursos técnicos e estratégicos do jogo.

A classe de Stanley Matthews firma-se mais na finta e na qualidade de jogo jogável que fornece aos colegas. Passam-se semanas e semanas, sem que marque um gol — isto mesmo no apogeu da sua carreira (marcou um tento contra Portugal... entre os dez com que sua selecção em 1947 nos mimoseou). Muitos defesas de vários países que o defrontaram opinaram que «Matthews», de posse da bola, era «indesarmável», daí nascendo a ideia de que os seus pés têm feitico...

Di Stefano é diferente. Por ventura será até futebolista mais completo que o inglês. Com efeito, o argentino-espanhol é exímio no

Di Stefano já jogou em Portugal — no programa de inauguração do estádio da Luz. Ei-lo na brecha, em luta com Costa Pereira e Artur

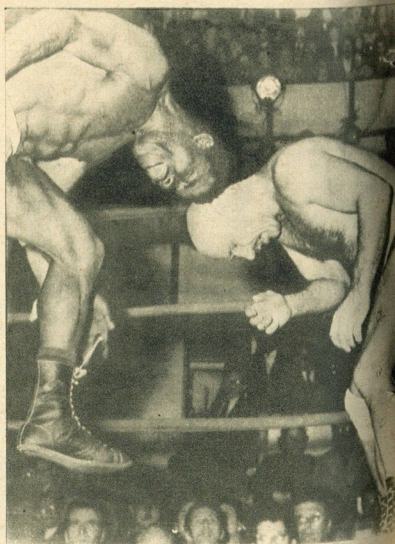


QUANDO A LUTA LIVRE faz vibrar as multidões...

A luta-livre é, sem dúvida, em todo o Mundo, um dos desportos mais queridos das multidões. Mesmo com todo o seu rosário de simulações e «chiqué», a luta conserva sobre as massas uma atracção difícil de igualar.

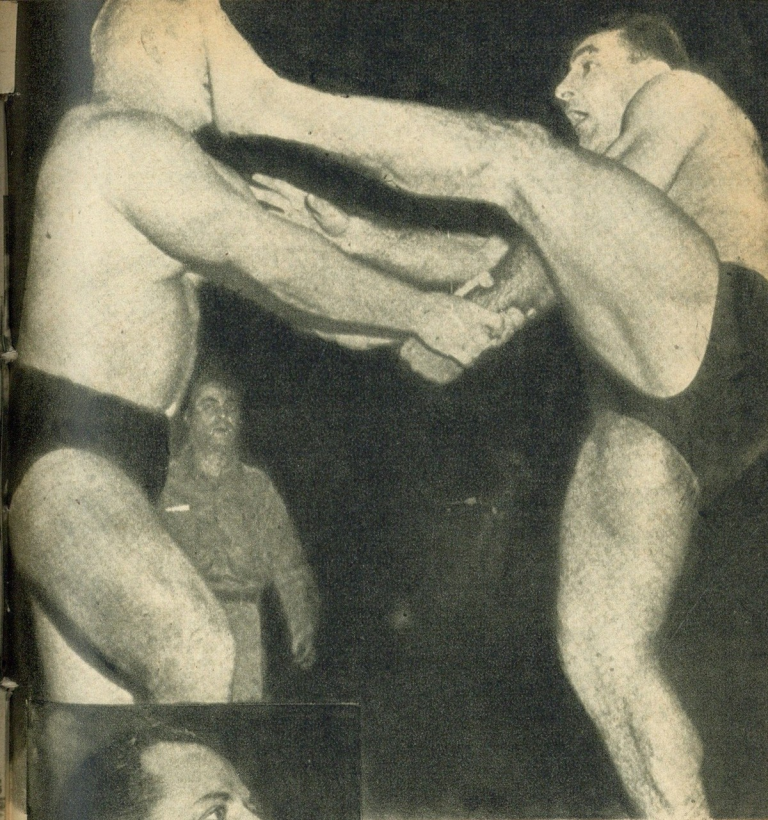
É verdade que a luta é, mais do que qualquer outro desporto um espectáculo. De tal ordem que, independentemente do *show* proporcionado pelos lutadores, conforme as nossas imagens demonstram, há também o *show* que ao fotógrafo oferecem os próprios espectadores.

Vejamos as fotos que publicamos — e idealizemos o que pensam os fotografados:



◀ O lutador calvo — Estas caroladas não são nada boas para a queda do cabelo...

◀ O espectador — Ai, minha rica cabeceira!...

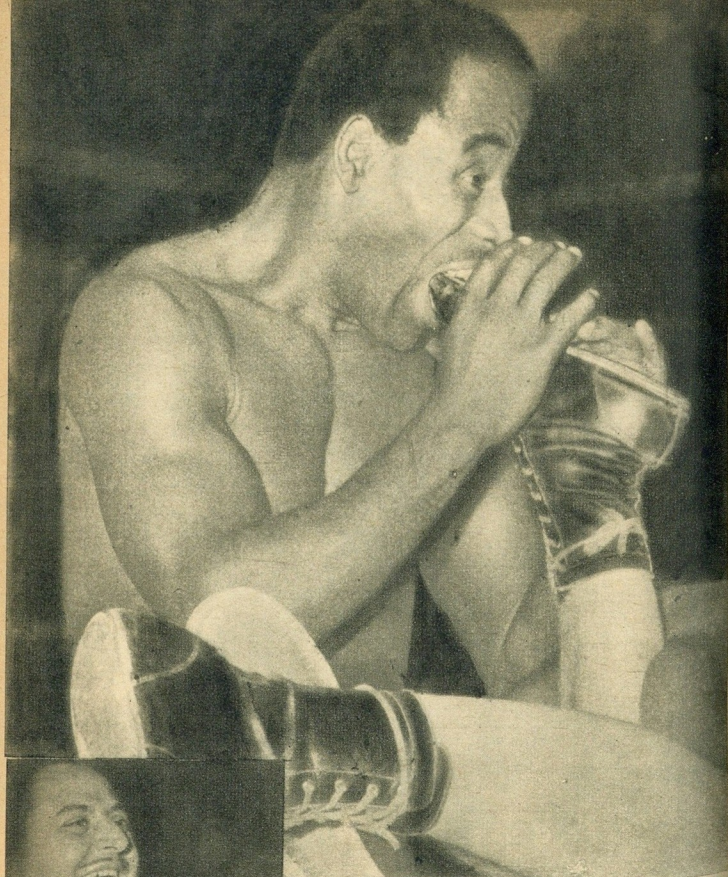


◀ O lutador da esquerda — Ah! Patife que não lavaste os pés...

◀ O espectador — Depois disto, o que se seguirá? Caramba, isto é mais emocionante que um filme de «suspense»...



Todavia, neste contraste nada há de peyorativo para a «bucha», a qual — quem sabe? — é muito bem capaz de ser uma simpática e leal rapariga, e valorosa atleta.



▶ O lutador — Preferia uma «sande» de presunto, mas enfim...

◀ O espectador — Mas que grandes pândegos! Um antropófago não faria melhor...



LUTA LIVRE... ...a parceiros!

...E se a luta-livre entre dois gladiadores é já espectacular, que dizer do «catch» a parceiros?!

Sim, disputar um combate entre dois pares de lutadores é uma ideia diabólica, de precária índole desportiva, mas capaz de constituir um êxito em qualquer circo...

A foto que reproduzimos dá a ideia da trapalhada que deve ser o «catch» a quatro. E o trabalho que deve dar ao árbitro destrinçar vários golpes simultâneos!...

E no meio daquela confusão toda, eles ainda são capazes de se aleijarem a sério... Não. Decididamente, a jogar a parceiros, antes a pacata «bisca»!

Do album de

Dr. Mário Duarte

Autenticamente, numa fotografia histórica, tirada há 38 anos, precisamente: A fachada da primeira sede do Belenenses, a sua primeira bandeira, e Dr. Mário Duarte, seu primeiro guarda-redes, junto das primeiras taças que conquistaram.

O Dr. Mário Duarte é hoje o cônsul de Portugal em Madrid, por função do cargo e por afeição ao desporto, que praticou e pratica ainda, frequentemente ligado ao intercâmbio peninsular no sector desportivo. Foi, no seu tempo, um dos mais ecléticos desportistas portugueses, descendendo, aliás, de uma família que se notabilizou nos desportos, tendo o estádio de Aveiro o nome de seu pai (que é também o seu).

O Dr. Mário Duarte além de futebolista de classe (fez parte da selecção do Porto em 1922 e era um dos «prováveis» para o 1.º Portugal-Espanha, o que não se concretizou devido aos estudos, principalmente), foi também excelente praticante de polo aquático, atletismo, remo, hipismo, e até cavaleiro tauromáquico, tendo representado, oficialmente ou não, o Anadia F. C., Beira Mar, Calitos



A primeira sede,
a primeira bandeira,
as primeiras taças
e o primeiro guarda-redes
do BELENENSES

de Aveiro, Clube Mário Duarte, Académico, e, claro, o Belenenses.

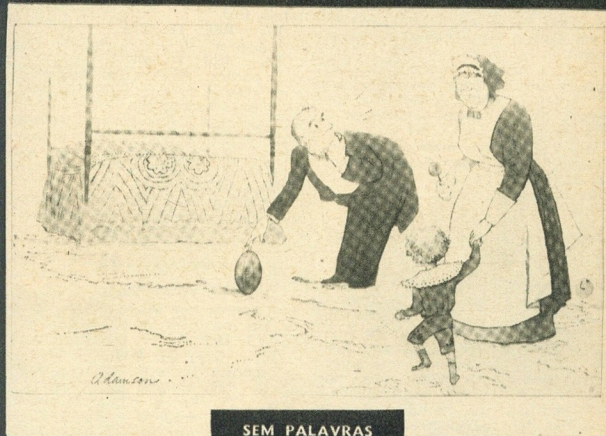
Foi também campeão universitário de futebol, sendo curiosa a foto que reproduzimos e na qual se reconhecem, entre outros: Dr. Ferreira da Costa, subdirector da Alfândega de Lisboa (2.º, de pé), tenente-coronel Ribeiro dos Reis, director de «A Bola» (3.º, de pé), e drs. Mário Duarte e C. Cuedes Pinto, cônsules de Portugal em Madrid e Bilbao (os dois últimos, sentados).

Noutra foto, vêem-se os concorrentes ao campeonato de Portugal de Ténis, de 1924, ganho pelo dr. Mário Duarte (ao centro, o mais alto). Nos extremos, dos que estão sentados o da esquerda é o eng.º André Navarro, que foi presidente da última Comissão Administrativa da Federação de Futebol, e à direita, o dr. Salazar Carreira, actual Inspector da D. C. Desportos.



HUMOR NO DESPORTO ★ HUMOR NO DESPORTO

★
HUMOR NO DESPORTO
★



★
HUMOR NO DESPORTO
★

SEM PALAVRAS

HUMOR NO DESPORTO ★ HUMOR NO DESPORTO

QUAL É A SUA FORÇA COMO XADREZISTA?

A inserção numa partida portuguesa na apreciada secção da «Chess» onde só costumam incluir-se jogos de grandes mestres estrangeiros, é altamente honrosa para o nosso campeão. O autor deste instrutivo trabalho é Leonard Barden, antigo campeão de Inglaterra.

Imagine-se sentado ao lado de um famoso mestre, enquanto ele está jogando uma das suas partidas. Cubra esta página com uma folha de papel e deslize-o, linha por linha. Quando reproduzir no tabuleiro um lance negro, pare e experimente pensar a resposta das brancas, que estará na linha seguinte. Este exercício dar-lhe-á, no fim, uma ideia acerca da sua força como xadrezista e será magnífico para seu treino.

Se não estiver interessado em medir a sua força, encontrará satisfação na simples reprodução da partida.

Você tem as brancas. O seu companheiro de consulta é Joaquim Durão, campeão de Portugal. O seu adversário é F. Koberl da Hungria. A partida foi jogada no Torneio de Hastings 1956/57.

Durão, brancas; Koberl, pretas
Defesa Siciliana

Os primeiros lances são 1. e4, c5; 2. Cf3, g6; 3. g3, Bg7; 4. Bg2, Cc6; 5. o-o, d6; 6. d3, Tb8; 7. a4, a6; 8. Cel, h5;

Daqui em diante, tente pensar os lances das brancas.

9. h3

3 pontos. O último lance das pretas era demasiado agressivo nesta altura. Mas seria justificado se as brancas permitissem a abertura da coluna TR com ... h4 e ... hxg3.

Nada para 9. h4 com o mesmo objectivo, pois a formação de peões branca ficaria tão fraca como a negra.

9... h4; 10. g4

Um ponto.

10... e5

As pretas esperam obter uma forte posição nas casas negras.

11. f4

3 pontos. É certo que este lance permite que as negras coloquem uma peça menor na casa e5, mas as brancas considerando que o plano do adversário terá o inconveniente de expor o rei preto, decidem abrir a posição. 11. Cf3 (2 pontos), tentando ocupar d5 é uma possível alternativa, mas nada para 11. Cd2, com a finalidade Cc4 (11...., b5) nem para 11. c3 (uma vez que as brancas não têm perspectivas de fazer d4).

11...., exf4; 12. Txf4

Um ponto. Subtrai 2 pontos pelo erro 12... Bxf4, Bxb2.

12...., Cge7

(Mais consistente é 12...., Cf6 seguido de Cd7).

13. Ce3

2 pontos. 13. Cf3 (2 pontos) é tão bom como o do texto, pois as pretas não tem possibilidade de especular com a posição exposta da torre. 13... e3 (1 ponto) tentando Be3 e d4 é adequadamente contestado com 13...., d5 e d4; enquanto que 13. Df3??? (subtrai 3 pontos) é um grande erro por causa de 13...., Bh6.

13...., Be6; 14. Cd5

2 pontos. 14. Cf3 e 14. Be3 (dois pontos cada) são também bons.

14...., Bxd5; 15. exd5,

1 ponto.

15...., Cb4; 16. c4

2 pontos. Nada por 16. Df3, o-o, porque o PD fica atacado.

16...., Dd7; 17. Te4

4 pontos. O lance mais eficiente porque não permite 17...., o-o em virtude de 13. Cf3, Bf6; 19. g5. 3 pontos por 17. Cf3 que não é muito claro depois 17... o-o:

18. g5 (18. Cxh4? b5), 18...., Cf5; 19. Cxh4, Bd5 + com contra-jogo para as negras. As brancas podem manter a vantagem posicional nesta linha com 18. De2, ou 18. d4.

2 pontos. Pelo sólido 17. De2, preparando Be3.

17...., Rd8; 18. Cf3

2 pontos. Só um ponto por 18. Bg5, f6.

18...., Rct; 19. d4

5 pontos. As brancas abrem a posição com efeitos devastadores. 14. Bf4 (3 pontos) é um preciosismo desnecessário; as brancas não precisam de sacrificar o seu PCD. 4 pontos por 19. De2 e também por 19. a5. As brancas, de facto, têm vários lances bons à escolha.

19... b6; 20. a5

4 pontos, mas nada por 20. dxc5, bxc5 e o rompimento posterior é difícil

20...., Ta-e8; 21. axb6 +

2 pontos.

21...., Rxb6; 22. dxc5 +

2 pontos.

22... dxc5; 23. Db3

4 pontos por este ou por 23. Be3; um só, por menos claro, 23. d6, Ce-c6; e nada por 23. De2

23...., Ce8; 24. Be3,

7 pontos por este. Um requinte de bom efeito. Pelo simples 24. Txe8 (3 pontos), Txe8; 25. Be 3 dá a mesma ameaça: Dxb4t. No entanto neste caso as pretas podem construir uma grande resistência à base de 25...., Txe3. Agora, se 24... Txe4, segue-se 25. Dxb4t, Rct (se 25... Ra7; 26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

26. Bx e 5t, seguido de mate). 25. Dxc5t.

(conclui na pág. 32)

CRÓNICA DESPORTIVA APRESENTA

A história de Joaquim Durão

— o mais viajado desportista português em 1957 (22 viagens de avião e actuações em 7 países)

Pode dizer-se que um único motivo, por sinal macabro, tem feito voltar a atenção dos xadrezistas de meio mundo para Portugal: a morte de Alekhine, campeão mundial, ocorrida, para doze anos, no Estoril.

Continuamente, a bandeirinha de Portugal não aparecia sobre as mesas de jogo dos torneios internacionais — o que só acontece com os países europeus menos evoluídos.

Últimamente, porém, mercê da atenção da Direcção-Geral dos Desportos, deixou de haver zero absoluto nas relações escaquísticas entre portugueses e estrangeiros.

Mas só depois de Joaquim Durão começar a aparecer com certa frequência nas provas internacionais — em Espanha, Holanda, Grã-Bretanha, e este ano pela África — é que o meio xadrezístico mundial deu pela existência de um «portuguesito» com aspirações ao título de mestre internacional da F. I. D. E. Um português que venceu um Prins em elevado estilo, que vence um torneio na Irlanda, à frente do ex-campeão de Espanha, e força alguns «ases» a aturdido esforço para o vencer.

Começam a aparecer reproduções de partidas portuguesas nas grandes revistas estrangeiras e multiplicam-se os convites para o campeão português actuar lá fora.

Mas nem a todos Durão pode atender — que para isso mingavam os recursos económicos. Ainda agora falhou o clássico torneio de Hastings e no momento em que lhe falamos é uma incógnita poder aceitar o convite dos holandeses...

Todavia, Durão dá-se por muito satisfeito com a última temporada. Deve ter batido o record de viagens de desportistas portugueses em 1957, pois fez 22 de avião, equivalentes a cerca de 80 horas de voo, e actuou em seis países estrangeiros e ainda em duas províncias ultramarinas portuguesas!

Esteve fora da metrópole durante quase oito meses, quer jogando em torneios, «matches» e simultâneas.





Aos onze anos, altura em que aprendeu a jogar xadrez

O mundo do xadrez já reparou nele — e «Crónica Desportiva» também... Esta é a sua história, contada por ele próprio:

APRENDEU A JOGAR AOS ONZE ANOS

— Nasci em Lisboa em 25 de Outubro de 1931. Tenho, portanto, 27 anos — comecei por nos dizer Joaquim Durão — Aprendi a jogar o xadrez em Tuy (Espanha), terra dos meus avós paternos.

— Descende então, de espanhóis?

— Sim. O meu pai, porém, nasceu em Portugal, e dele herdei o apelido aporuguesado, pois o de meu avô é Duran.

— Quem lhe ensinou o jogo?

— Foi um rapaz da minha idade, Carlos Perez Anton, ao tempo estudante como eu. Foi ele o meu mestre. Jogámos dezenas de partidas e ele ganhou-me sempre. Só muitos anos mais tarde pude voltar a defrontá-lo e...

— Então tirou a desforra, não é assim?

— Exacto. Perez Anton nunca se preocupou, que eu saiba, com o xadrez desportivo (digamos de competição), o que tenho feito desde os 18 anos. Tem muita importância essa diferença de prática do xadrez de competição e o de simples recreio.

OS DESPORTOS ATLÉTICOS NÃO ERAM O SEU FORTE...

— Como decorreu a sua infância e adolescência, do ponto de vista desportivo? — interrogámos.

— Quando menino joguei a bola trapeira com tantos rapazes. E se não empunhei um cabo de vassoura, à guisa de «stick», foi porque nessa altura não havia, como hoje, a «febre» do hoquei... — respondeu, sorrindo.

— Mas nunca praticou qualquer desporto? — inquirimos.

— Joguei voleibol na Mocidade Portuguesa, mas nunca me evidenciei. O mesmo direi do futebol. Cheguei a inscrever-me num clube do Arieiro, que possuía uma equipa de juniores, mas só me utilizavam quando faltava algum jogador. Desisti...

Acrescentou, porém:

— Pratico menos mal a natação, mas não com fins de competição. Também durante algum tempo pratiquei moderadamente atletismo, também sem ser de competição, simplesmente para manter a boa condição física, que, embora muita gente o ignore, é utilíssima para se jogar o xadrez longas horas e sob grande pressão de nervos!

O INTERESSE PELO CINEMA CONDUZIU-O AO XADREZ

Seguidamente, Joaquim Durão contou-nos como passou a dedicar-se ao xadrez:

— Até aos 17 anos, não joguei mais o xadrez, salvo uma ou outra partida amigável com um colega de liceu. O que me interessava, entretanto, era o cinema. Fundei o Clube de Amadores da Arte Cinematográfica e comecei a escrever sobre cinema em várias publicações.

E continuou:

— Passei, por isso a frequentar o café Palladium, onde se reuniam cronistas e cineastas. Afonso Romano, que também andava ligado às coisas do cinema, e jogava o xadrez desafiou-me um dia. Ganhei gosto pelo jogo e em breve me batia com os «feras» do café.

— Estava conquistado...

— Sim, a partir de então apaixonei-me pelo xadrez, a ponto da minha vida girar à volta desse jogo. Aconselharam-me a inscrever-me na Sociedade de Geografia, que possui, o principal centro de xadrez nacional e assim fiz.

— Recorda-se da sua estreia em torneios?

— Tenho apontada toda a minha actividade xadrezística — elucidou-nos — joguei a minha primeira partida de torneio em 6 de Abril de 1946, no Torneio de 3.ª categoria contra o dr. Carlos Barros, que venci.

— Resultado do torneio?

— Classifiquei-me em 1.ª lugar e fui candidato à 2.ª categoria, onde me qualifiquei. Fiquei candidato à 1.ª categoria, mas o respectivo torneio não se realizou e tive de repetir o da 2.ª no ano seguinte, classificando-me também nos lugares de honra.

Entretanto venci o campeonato do G. X. Continental.

FALHOU A PRIMEIRA CANDIDATURA A MESTRE

— Nesse mesmo ano (1950), com 20 anos, qualifiquei-me na 1.ª categoria e disputei o campeonato da categoria de Honra. Fiquei em 3.º lugar, com os primeiros José Vinagre e Vasco Santos à minha frente, e nós três ficámos candidatos a mestres — recordou Joaquim Durão, que logo a seguir disse:

— Jogámos o «Torneio de Mestres» em 1951, mas nesse ano só o Vasco Santos ganhou o respectivo título. Voltei à categoria de Honra, mas no ano seguinte candidatei-me de novo, e qualifiquei-me, classificando-me em 2.º lugar, com a mesma pontuação do 1.º — João de Moura, então campeão nacional.

— À sua força, nessa altura, fazia prever que se tornaria campeão nacional?

— Melhor do que eu podem responder estes recortes da revista Flama (1949), portanto com menos de um ano de prática de xadrez desportivo, e da Stadium (1951):

«Durão é ainda inexperiente, mas é sem dúvida o melhor jogador de moderna geração».

EM CIMA:

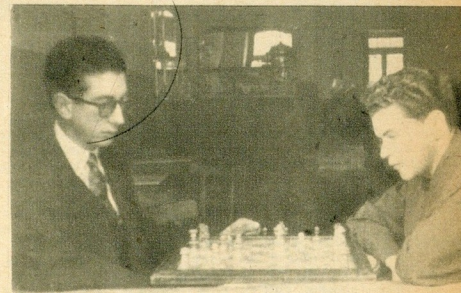
Primeiro jogo no estrangeiro — contra o catalão Bas

AO CENTRO:

Em 1952, dez anos depois da aprendizagem, Durão voltou a Tuy e jogou contra Carlos Anton o seu antigo mestre, ao qual ganhou sem dificuldade

EM BAIXO:

Em missão jornalística, Durão entrevista em Madrid o conhecido astro cinematográfico, António Vilar





A última foto de Francisco Lupi com colegas portugueses, tirada na Gran Via, de Madrid, em 1952. Durão e Silvério Pereira foram encontrar Francisco Lupi bastante doente. Fixara residência na capital espanhola, havia alguns anos, vindo a falecer ali ano e meio depois deste encontro.

«Joaquim Leal Durão — um jovem de 20 anos — consagrou-se definitivamente. Possui a melhor qualidade que se pode exigir a um «novo»: engenho, intuição. Esta virtude, aliada ao conhecimento teórico (que também cultiva com raro interesse) e fortalecida pela experiência (que só a prática de bons torneios pode proporcionar) fará de Joaquim Durão — assim o prevemos — um grande jogador.

O ETERNO PROBLEMA DO JOGADOR-JORNALISTA...

Joaquim Durão, resumiu a história da sua carreira, nos seguintes termos:

— Em 1951, antes de obter o título de mestre da F. P. X., fui seleccionado para a equipa da Sociedade de Geografia que jogou contra o «Ruy Lopez» de Barcelona, em Portugal e Espanha. Joguei assim a primeira partida contra estrangeiros, tendo vencido Angel Simon.

«Em 1952, no café «Refúgio» joguei dez partidas sem ver o tabuleiro, batendo o recorde português. Ganhei o título de «mestre», e logo a seguir sofri o maior

revés da minha carreira: último classificado do torneio internacional de Lisboa.

O ano não acabou bem para mim, pois estando a jogar o campeonato nacional, e aspirando ao título de campeão, fui suspenso pela Federação, por ter escrito uma crítica considerada rebelde...

— O eterno problema do jogador que é jornalista...

Durão prosseguiu:

— Fui castigado por um ano, mas abrangido pela amnistia do Natal só estive inactivo uns meses.

OBRA IMPORTANTE NA MOCIDADE PORTUGUESA

— Em 1952 — continuou o nosso entrevistado — fui admitido como instrutor de xadrez na Mocidade Portuguesa. O Centro Especializado começou com 26 pequenos xadrezistas, mas hoje movimentam-se cerca de 400 filiados nos torneios da M. P., havendo ainda centros no Porto, Aveiro e Setúbal.

Prossiguiu:

— Em 1954, participei em vários torneios internacionais, e vencendo os tor-

neios de mestres do Porto e Taça Estoril.

«Finalmente, em 1955, ganhei o campeonato nacional, continuando a disputar quantos torneios internacionais pude, fazendo o possível por bem representar as cores portuguesas, quer no tabuleiro, quer fora dele...

— Quantos torneios ganhou já fora do país?

— Dois: em Mérida (Espanha) e Skerries (Irlanda). No Ultramar, ganhei os dois torneios que disputei — em Luanda e na Beira.

MISCLANEA

Peruntámos depois:

— Qual foi o momento mais emocionante da sua carreira xadrezística?

— Tenho experimentado vários. Quando ganhei o campeonato nacional; a «partida viva» (em que as peças eram pessoas e se deslocavam no terreiro pintado em xadrez, conforme os lances que eu e Queimadelos, campeão de Castela, fomos movendo), as vitórias em Mérida e Skerries, etc..

Acrescentou:

— Todavia, o momento mais grandioso que vivi foi decerto a estrela no

AO LADO:

Partida sem ver o tabuleiro, em Nampula, Moçambique

AO LADO E EM BAIXO:

Em 1955, Durão dirigiu uma partida viva, na cidade espanhola de Ávila. Foi um espectáculo inóvável, como se depreenderá da foto.

Vejam-se também as «guapas» que desempenharam o papel de rainhas branca e preta





torneio zonal do campeonato do mundo, onde estavam reunidos alguns dos mais fortes jogadores europeus, excepto os nórdicos e russos.

— O seu melhor jogo, qual foi?
— A vitória sobre Pris, da Holanda.

— É o pior?
— Tive vários ganhos que perdi, e isso custa sempre. Desde que me «internacionalizei», suponho que a minha pior partida foi contra o alemão Diemer, pois joguei mal desde o princípio. Contra o meu costume, mas por saber que ele era um jogador «atacativo», joguei sempre à defesa, e ao cabo de 20 lances estava arrumado.

Acrescentou ainda:
— Outra partida que não esqueci foi em 1951, quando disputei o meu primeiro torneio de mestres e uma derrota com Carlos Pires comprometeu irremediavelmente as minhas aspirações de qualificação.

— Qual foi o jogador mais forte que defrontou até hoje?

— Gligoric, da Jugoslávia, um dos jogadores mais categorizados do mundo.

(N. R. — A nossa contra-capa mostra essa partida, jogada no torneio zonal para o Campeonato do Mundo, que Gligoric venceu com muita classe).

— Considera-se profissional de xadrez?

— A minha categoria de jogador, por enquanto, pelo menos, não me permitiria viver só do xadrez —



EM CIMA:

Durão (à esquerda) com os mestres Toran (Espanha), Scafarelli (Itália), Rossel (júnior da Holanda), e na companhia da gentil filha do dr. Max Euwe, ex-campeão do Mundo. Foi em Amsterdão, em janeiro de 1956

AO CENTRO:

Hastings, 1956-57. Partida contra o francês Catozzi, o qual venceu Durão nesta partida. Meses depois, em Dublin, o campeão português desforçava-se em grande estilo, num remate com sacrifício de torre, que foi reproduzido em revistas estrangeiras

EM BAIXO:

Silmultânea na Sopotona. Os adversários jogaram com as pedras brancas, o que não é da praxe



EM CIMA:

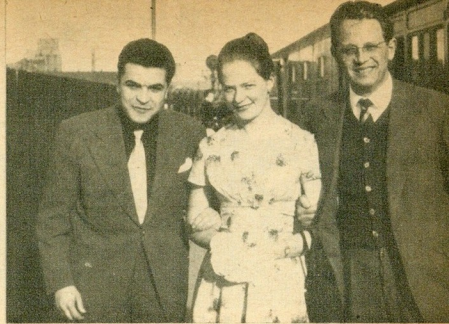
A partida de Dublin, em Julho de 1957, com o mestre espanhol Francisco Perez e campeão de nação irlandesa Maureen Ford

AO CENTRO:

Durão e o introdutor do xadrez desportivo em Lourenço Marques, Augusto da Conceição

EM BAIXO:

«Record» de simultâneas na Beira Moçambique



Teria de alcançar os primeiros lugares dos grandes torneios internacionais, para ganhar os prémios respectivos... No entanto, é verdade que o xadrez tem sido ultimamente a minha ocupação principal, quer a jogar, quer na representação em Portugal, de livros e revistas, e pelas crónicas que subscrevo em várias publicações. Mas sem subsídios para viagens eu não poderei deslocar-me, dado que os organizadores só aos grandes «ases» é que pagam todas as despesas e garantem ainda outras compensações.

Por fim inquirimos:
— Quais são as suas aspirações?

— Manter o título de campeão nacional, alcançar o de «mestre internacional» da F. I. D. E. (o que espero se dê dentro de dois anos) e fazer parte da nossa selecção no Campeonato das Nações, em Munique este ano...

Pois formulamos os mais sinceros votos para que estas aspirações sejam satisfeitas, o que, para além da glória pessoal do nosso biografado, prestigiará o xadrez nacional.



Sabe que equipa é está ?

(Solução)

1) Selecção de Lisboa; 2) Selecção de Paris; 3) Estádio Nacional (Lisboa), em 15-12-46; 4) Azevedo; Cardoso e Serafim; Moreira, Filiciano e F. Ferreira; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travacas e Rogério; 5) 3-2 a favor dos Lisboaetas; 6) Peyroteo (2), e Rogério (1); Lozia (2).



KARPATI FARAGO
 BUNDSZAK MATRAI SAROS
 MACHOS BERENDI
 TOTH TI BENCICS
 FENYVES

No estádio de Budapeste sabe-se quem joga... e a que horas...

O Estádio de Budapeste apresenta esta interessante inovação: além de um enorme relógio (não para cronometrar o jogo, mas apresentando a hora legal), um gigantesco «placard» com os nomes dos jogadores que compõem as equipas.

A foto refere-se a um jogo entre as selecções de Budapeste e Alemanha do Sul, que os magiares venceram por 2-1.

Aquela ideia do relógio é que deve causar certa impressão aos jogadores menos habituados a «saberem a quantas andam», durante o jogo, e se o desafio for de molde a contarem-se nervosamente os minutos...

Uma sugestão para os dirigentes transalpinos que trataram do último Itália-Portugal: porque não mandam construir um «placard» e um relógio assim no estádio de S. Ciro? Devia ser muito útil em dias de nevoeiro como da tal vez.

Qual é a sua força como xadrezista?

(Continuação da pág. 24)

Rd8; 27. Cg5, Te-e3; 28. Txa6 e as brancas têm suficiente compensação pela qualidade, bem como um ataque fortíssimo.

24... a 5; 25. B x C 5 +

9 pontos por esta bela combinação final. 4 pontos por 25. T x e 8 a combinação seria atrasada um lance. E 2 pontos pelos tímidos 25. Ce 1 ou 25. Cd2, que dão às pretas uma oportunidade para se consolidarem.

25... R x c 5; 26. T x a 5 +
1 ponto.

26... Rd6; 27. D x b 4 +

Um ponto.
27... Rc7; 28. Tc5 +

3 pontos. Diminuir 4 pontos por 28. Ta7 + ??, C x f7. Depois do lance do texto, as pretas abandonaram, em vista de 28... Rd5; 29. Ta7 +

Agora some a sua pontuação:
52 a 60 — Você poderia ser mestre da Federação inglesa

45 a 51 — Pertencer à 1.ª categoria.

40 a 44 — Pertencer à 2.ª categoria.

35 a 39 — Pertencer à 3.ª categoria.

25 a 34 — Amador mediano.

Matthews-Di Stefano

(Continuação da pág. 17)

drible, sim, mas a sua condição atlética não o inferioriza na luta corpo-a-corpo. É simultaneamente o «armador» e o «go-leador» (rei dos marcadores no último campeonato da Liga espanhola), e o seu fôlego espantoso permite-lhe jogar ora à guiza de médio-centro antigo, ora a «ponta de lança».

Nunca vimos reunir um só jogador tantas virtudes de técnica. Buscando um exemplo em Portugal, diremos que Di Stefano possui, no mais elevado grau, os predicados que fizeram famosa a linha dos «cinco violinos» do Sporting: a desenvoltura de um Jesus Correia, o talento de Vasques, o remate de um Peyroteo, a estratégia de um Travaços, a descontração de um Albano — e ainda o espírito de jogador-operário de um Martins.

Tudo isto no grau mais elevado e num só jogador!

Di Stefano — que se julga ser o futebolista mais bem pago do mundo — é bem o sucessor do «feiticeiro inglês», o jogador mais completo ainda do que o extraordinário veterano de Blackpool...

NESTE NÚMERO

A história de **JOAQUIM
DURAO** - campeão de xadrez
e o desportista português
mais viajado em 1957.



DURAO
AN PHORTAINGÉAL

GLIGORIC
AN IUGÓSLÁIBH